**ESPLENECTOMIA EM GATOS: INDICAÇÕES E VARIAÇÕES NA TÉCNICA CIRÚRGICA**

**Lucas de Oliveira Ferreira1\*, Déborah Soares Vieira, Larissa Bueno Stallmach¹, Pedro Antônio Bronhara Pimentel1, Lygia Gonçalves Penido Duarte1 e Rodrigo dos Santos Horta2.**

*1Graduando em Medicina Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: ldeoliveiraferreira@yahoo.com.br*

*2Professor de Medicina Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

O baço é um órgão linfoide que, apesar de sua importância, pode ser retirado sem grandes danos ao paciente,1,2, o que torna possível a sua remoção. A esplenectomia, total ou parcial, é a técnica cirúrgica que consiste na retirada desse órgão. A cirurgia é comum na clínica de pequenos animais e é indicada no tratamento de diversas doenças, como torção esplênica, trauma com rompimento da cápsula, doenças infiltrativas e neoplasias4. O tratamento cirúrgico pode aumentar a sobrevida em casos de neoplasias esplênicas1. Entre as técnicas para a retirada do órgão há a abordagem aberta e a laparoscópica.5 Patologias não neoplásicas, como congestão, hiperplasia linfoide, capsulite, hematopoiese extramedular e nódulos hiperplásicos representam cerca de 50% das disfunções esplênicas em gatos, os outros 50% correspondem às neoplasias2. A realização da esplenectomia pode variar de acordo com o acometimento do órgão e tipo de patologia, podendo ser total ou parcial.

O objetivo desta revisão é elucidar a importância da realização dessa manobra cirúrgica e apontar diferenças entre as técnicas existentes para a retirada do baço.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Os bancos de dados usados para busca de artigos foram: Scielo, PubMed e Google Scholar. Utilizou-se termos esplenectomia em gatos, neoplasias esplênicas, mastocitoma e doenças esplênicas. Foram selecionados artigos publicados entre 2002 e 2017.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Dois dos três cânceres mais comuns em gatos podem se instalar no baço: mastocitoma e linfoma. Há também a ocorrência de hemangiossarcomas. sendo a forma visceral menos comum que em cães6. A retirada do órgão, quando há a presença de neoplasias malignas, resulta em uma melhora clínica e em um aumento na sobrevida do animal. O tratamento preconizado para o mastocitoma esplênico é a esplenectomia total, mesmo quando há envolvimento sistêmico. Em linfomas, há poucos relatos disponíveis em felinos, mas existem comprovações dos benefícios em cães e seres humanos 7. Um estudo realizado com casos de gatos submetidos à esplenectomia em três instituições dividiu 64 casos em grupos que foram submetidos: (A) somente esplenectomia; (B) cirurgia e quimioterapia; (C) apenas com quimioterapia, e (D) apenas tratamento suporte. Como resultado, os animais que retiraram o baço (grupos A+B) tiveram uma sobrevida maior do que os que não passaram pelo mesmo procedimento (grupos C+D), com prolongamento de vida possível entre 11 e 19 meses1.

Dentre as causas não neoplásicas, destacam-se as esplenites causadas por infecções, nos gatos, geralmente são devido à micoplasmose, podendo resultar em esplenomegalia hiperplásica8 hematomas são menos observados, devido à estrutura não sinusoidal do órgão e a torção esplênica também é pouco relatada, sendo que normalmente acontece após trauma ou rompimento prévio do órgão. Nesses casos, é importante avaliar os benefícios da cirurgia e a possibilidade de tratamentos complementares, como antibioticoterapia no caso de infecções e imunossupressores em condições imunomediadas4. Em caso de ruptura da cápsula e extravasamento de quantidades de conteúdo para a cavidade, deve-se avaliar o dano causado ao baço e decidir a melhor abordagem entre esplenorrafia, esplenectomia parcial ou total 4,6. As técnicas cirúrgicas disponíveis são a esplenectomia aberta e a laparoscópica, com remoção parcial ou total do órgão 1,2,4,6,8. Em neoplasias malignas, recomenda-se remoção total do órgão.

Na abordagem aberta e total, realiza-se uma incisão na linha média, estendendo-se do processo xifóide até à ponta caudal da cicatriz umbilical. Em seguida, se realiza uma exploração da cavidade abdominal, localizando o baço e realizando sua exteriorização, com cuidado, evitando rompimentos. Realiza-se a ligadura dupla e secção dos vasos esplênicos hilares com fio absorvível, preservando os vasos gástricos curtos, artéria gastroepiploica esquerda e artéria pancreática. Alternativamente, é possível fazer apenas 3-4 ligaduras, envolvendo os vasos gástricos curtos, ramos da artéria gastroepiploica esquerda e artéria esplênica, distalmente à sua ramificação com formação da artéria pancreática4,8. Por último, é feita a inspeção da cavidade e avaliação da presença de hemorragias ou anormalidades, finalizando com o fechamento da cavidade. Já na retirada parcial deve-se realizar a ligadura dupla dos vasos que nutrem a parte a ser removida e, depois, pressão com os dedos no local que será seccionado4. Em seguida, usa-se duas pinças atraumáticas anterior e posterior ao local de secção, realiza-se o corte e a sutura em padrão de colchoeiro horizontal contínuo e simples contínua na parte remanescente do órgão, com fio absorvível3.

A abordagem laparoscópica (Figura 1), menos utilizada em felinos, é a mais indicada em casos de pequena ou média esplenomegalia e/ou massas no baço. Se realiza três incisões na linha média. Sendo a central para o laparoscópio, a cranial para a sonda que manipulará o órgão e o portal mais caudal para o cauterizador 7. Dependendo sea remoção será total ou parcial, cauteriza-se os respectivos vasos e realiza-se a retirada pelo portal cranial 3,6.



**Figura 1 6:** Esplenectomia via laparotomia

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O baço realiza funções importantes, dessa forma, deve-se priorizar por preservá-lo, preferindo pela retirada parcial do órgão. A esplenectomia total é contraindicada para pacientes com hipoplasia medular. A laparoscopia tem poucos relatos de utilização em felinos, sendo necessário mais pesquisas sobre seu uso, assim como estudos comparativos da esplenectomia em felinos.

**APOIO:**

